

A Derruida ou vila velha de Santa Cruz da Vilarica

A Derruida, ruínas da remota vila da Alta Idade Média, que em antigos documentos vem designada Vila Velha de Santa Cruz da Vilarica, fica no topo dum monte da margem direita do rio Sabor, que lhe corre no sopé pelo lado nascente, e a uns 500 m da Ribeira da Vilarica que lhe corre pelo poente, a meio da vasta chã que se estende, para o norte, ocidente e sul.

Aquele monte pertence à Quinta da Portela, na ponta sul da freguesia da Cardenha do concelho de Moncorvo.

A Fig. 1, planta da Vila Velha de Santa Cruz, feita pelo GAT — Gabinete de Apoio Técnico ao agrupamento de concelhos do Douro Superior — Moncorvo (1), mostra o reduto muralhado de forma subtriangular ainda patente em todo o seu alinhamento com quatro pequenos pedaços da muralha derruida, um dos quais no topo noroeste, onde deve ser a porta da muralha.

São muitos e alguns relativamente grandes, os restos de paredes de construções de vários tipos, distribuídas um pouco por toda a área que a muralha abrange.

São muitas as referências que têm sido feitas à Vila Velha de Santa Cruz da Vilarica, muitas vezes citada em forais e outros velhos documentos.

Na Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. 32, pág. 217 lê-se pormenorizadas referências à Vila de Santa Cruz.

Numa carta dirigida pelo concelho da Torre de Moncorvo ao rei D. Afonso V, pág. 217, pedindo a cedência ao concelho de terrenos da coroa, entre eles uma elevação, quase rodeada das águas da Ribeira da Vilarica e do Sabor, onde se ergueu a

(1) Ao Sr. Eng. Carlos Salgado que dirige os serviços da delegação do GAT em Moncorvo são devidos justos e bem merecidos encómios pelo manifesto e inteligente interesse manifestado pelo levantamento topográfico da Vila de Santa Cruz.

extinta Vila de Santa Cruz, lê-se o seguinte: «em outeiro alto, que está acerca dela (ribeira de Vilarica) fora povoação em outro tempo, e porque era doentio se mudaram ir viver aa dita villa de Torre, e ficara o cerco derrivado e destruido de todo, e que a lugares se mostrava e a lugares nom».

O Prof. Leite de Vasconcelos que visitou aquelas ruínas da Vila da Santa Cruz escreveu: «Este outeiro é, no meu entender, um castro, visitado por mim há muitos anos (escrevia em 1936) e onde encontramos um tosco e deteriorado quadrupedezinho de granito... A retirada dos moradores não passa pois de lenda... e, como ela, contam-se muitas outras».

A lenda a que o Mestre Leite de Vasconcelos provavelmente se queria referir era à lenda de multidão de formigas que obrigaram os moradores a refugiarem-se em Moncorvo.

A Vila de Santa Cruz da Vilarica foi importante povoação muralhada na Alta Idade Média. Pode bem ser que tenha sido assente sobre um preexistente castro lusitano romano, alcançado naquele cabeço sobranceiro ao rio Sabor que lhe corre pelo sopé do lado do nascente e a umas centenas de metros da Ribeira da Vilarica que lhe corre pelo poente.

É possível que também tenha sido este mesmo parecer o do Mestre Leite de Vasconcelos, porquanto aquele cabeço oferece boas condições para satisfazer os requisitos necessários à implantação de um castro.

Afigura-se-me poder apresentar como provável que também a Vila de Moncorvo tenha crescido sobre um velho castro. A topografia do terreno em que assenta mostra típicas condições de instalação de um castro. É um cabeço que tem como eixo norte-sul a velha rua da Misericórdia, pelos lados nascente, norte e poente encostas mais ou menos empinadas, e, no lado sul, em cujo topo se erguia o castelo, é onde o terreno é ligeiramente ascendente, base da encosta da Serra do Roboredo.

A actual Praça da Vila de Moncorvo deve, muito provavelmente, corresponder a um fosso que ali tenha existido como reforço do reduto muralhado, porquanto seria por aquele lado que se nos afigura seria mais eficiente um ataque ao castro.

Para não alongar este trabalho limitar-me-ei quanto ao aspecto histórico das relações sociais entre a Vila Velha de Santa Cruz da Vilarica e a Torre de Moncorvo e seguir a pegada do Abade de Baçal no artigo *Moncorvo — subsídios para a sua história ou notas extraídas de documentos inéditos respeitantes a esta importante vila trasmontana*, in «Ilustração Trasmontana», 1.º ano, Porto, 1908, págs. 156-160.

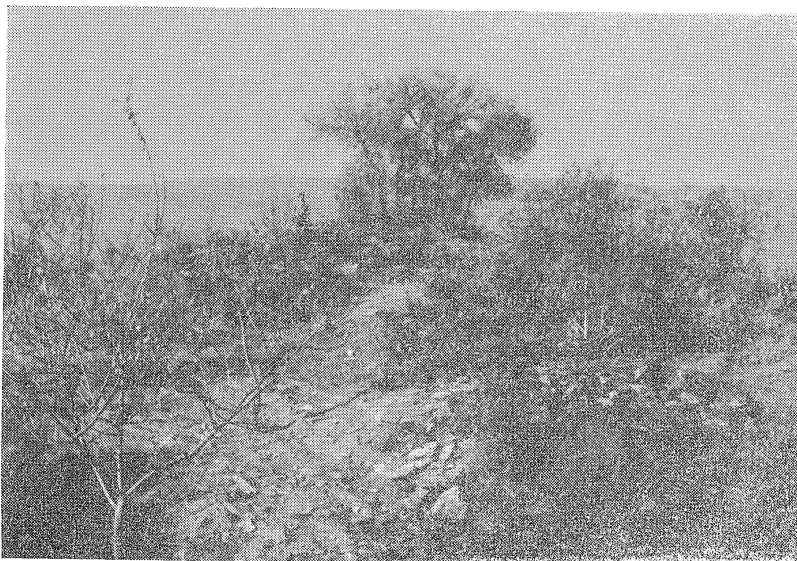


Fig. 1 — Cume do reduto muralhado visto do lado poente.

O P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, no artigo que vamos seguir, diz logo de entrada: Gaspar Alvarez de Louzada, baseado num foral que teria sido confirmado pelo rei D. Afonso Henriques em 1128, e que outros dizem ter sido em 1140, conta que Moncorvo, atacado e destruído pelos árabes e pelos leoneses, despovoou-se e os seus habitantes foram viver para a Vila de Santa Cruz da Vilarica, que D. Sancho II fez vila dando-lhe foral «aos 8 dos idus de Junho da era de 1263 (6 de Junho de 1265)».

A vila de Santa Cruz da Vilarica sofreu idêntico infortúnio devido a multidão de formigas que devoravam tudo. Foi abandonada e a sua gente refugiou-se em Moncorvo.



Fig. 2 — Cume do reduto muralhado visto do lado poente. O homem que se vê na fotografia marca o sítio da sepultura aberta na rocha.

A lenda das formigas é contada quanto a outros locais com ruínas castrejas.

Na pág. 157, do artigo que vamos seguindo, o Abade de Baçal diz: como nunca alguém viu o foral a que se refere Louxada, e como este não gozava de probidade histórica, por isso «não merece créditos, regeitamos *in limine*, as notícias que os autores apresentam dimanadas de tal procedência».

Seja como for o certo é que a Vila de Santa Cruz da Vilarica e Moncorvo coexistiram, como se infere das *Inquirições* de D. Afonso III, feitas em 1258, as quais o Abade de Baçal transcreve na pág. 157, e eu lhe sigo as pisadas transcrevendo-as

Dizem elas:

«Dommes Salvator de Turre de Menendo Corvo intratus et interrogatus dixit quod scit quod in ipsa villa de Turre de Menendo Corvo stat una Ecclesia et est sufraganea de Ecclesia de Sancta Cruce et scit quod ispa Ecclesia de Turre de Menendo Corvo tenent hereditatem forariam de ipsa villa quam sibi



Fig. 3 — Muralha de 3 m de altura assente na rocha viva de xisto.

mandaverunt homines de ipsa villa pro suis animis in tempore Regis domny Sancii fratris istius et de suis antecessoribus et non facit inde forum sed faciunt inde forum illi qui remanerunt in erancia de illis qui mandaverunt hereditatem predicte Ecclesia. Gonçalvus menendi de Turre de Menendo Corvo intratus et interrogatus dixit quod scit quod homines de Sancta Cruce dederunt domno Poncio Alfonsy hereditates et domos in ipsa villa de Sancta Cruce quando populaverunt eam et ipse

domnus Poncius Alfonsy fecit ibi unum molinum et modo filii ipsius domny poncy Alfonsi tenent ipsum molinum et ipsas domos et hereditates et non faciunt inde forum domino Regi.



Fig. 4 — Porção da muralha do lado poente alinhamento do sul para norte.

Em nota de fim do artigo, o Abade de Baçal diz que, pela ocorrência do tempo, este Pôncio Afonso deve ser o «tenens» de Bragança.

Continuo a transcrever a Ilust. Trasmontana pág. 157.

«Pelo mesmo teor depõem mais duas testemunhas, também naturais de Moncorvo.

«De onde se mostra que já Moncorvo existia não só no tempo de D. Sancho II — regis domny Sancii fratris istius, mas no dos seus antecessores — et de suis antecessoribus».

Segundo tudo leva a crer, a Vila de Santa Cruz foi abandonada não pelo lendário ataque de formigas mas em conse-

quência do endemismo palúdico da Vilarça, que ainda há poucas dezenas de anos era manifesto.

Em 1924 ou 1925 fomos caçar para a Derruida. Dei uma volta pelo reduto muralhado que logo me impressionou; no entanto a volta fi-la como caçador e não como arqueólogo.



Fig. 5— O que resta duma parede com 1,10 m de grossura. Tem 20 m de comprimento com altura de 2,70 m convexidade da 1.^a porção e 3 m de altura na parte terminal atorreada.

Nos últimos 20 anos fui algumas vezes à Derruida que percorri atentamente.

A alguns Presidentes das Câmaras Municipais de Moncorvo sugeri a necessidade de estudar, defender e valorizar aquela Vila Velha de Santa Cruz da Vilarça. É grande o seu interesse histórico por se tratar de remota vila da Alta Idade Média, que tem sido considerada como antecessora da Vila de Moncorvo, tendo a sua gente, acossada pelas febres palustres abando-

nado a Vilarica, por altura do fim do séc. XII, e transferido para a Torre de Moncorvo, no sopé da encosta setentrional da Serra do Roboredo.



Fig. 6 — Base da torre em parte desfeita numa das faces.

Foi a actual administração da Câmara de Moncorvo, da presidência do moncorvense Eng.º Rui Marransa que deu andamento à minha sugestão, solicitando ao GAT o levantamento topográfico daquela remota vila muralhada, pelo que lhe são devidos louvores.

Especialmente nos últimos 10 anos várias vezes fui à Deruida.

Tirei fotografias que juntei a um sucinto relatório que mandei à Câmara de Moncorvo e ao Instituto Português do Património Cultural, do Ministério da Cultura.

A Câmara solicitou ao GAT para fazer o levantamento topográfico do reduto muralhado, que se reproduz na Fig. 1.

Espera-se que o Património Cultural tome a iniciativa de promover trabalhos de escavações para o restauro e conservação daquele monumento arqueológico de grande interesse histórico e que poderá também vir a ter não menos interesse turístico.



Fig. 7 — Lado sul da torre da fig. anterior.

Em conversa com Emilio Manuel Patarra, feitor da Quinta da Portela, de que a Derruída faz parte, soube que ele ali trabalha há 26 anos e que acompanhou a plantação de amendoeiras no reduto muralhado, feita há 17 para 18 anos.

Informou que foram muitas as sepulturas encontradas ao abrir as covas para plantar as amendoeiras.

As sepulturas, disse, eram feitas de duas pedras aos lados com tampa também de pedra.

Viram-se nelas ossos humanos alguns dos quais ao tocarem-lhe esfarelavam, mas outros inteiros. Em algumas sepul-

turas ainda havia cabelo nas caveiras, todas mais ou menos esmagadas.

Juntaram um montão de ossos que depois todos foram enterrados numa cova.



Fig. 8—Sepultura escavada na rocha xistosa. A bengala mede 82 cm.

Também apareceram algumas moedas de cobre, pequeninas com bordos delgados e denticulados.

Informou que no fundo das sepulturas apareceram alguns púcaros de barro, e *mais coisas*; não conseguiu que as especificasse.

Importa que o departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural promova e oriente, as escavações e os restauros daquilo que entenda ser possível fazer-se.

Convenientemente orientados alguns alunos das escolas de Moncorvo, especialmente dos últimos anos do seu liceu, prestariam certamente bons serviços se forem chamados a participar nos trabalhos a realizar no estudo e valorização das velhas ruínas da Derruída ou Vila Velha de Santa Cruz da Vilaríça.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Agosto de 1983.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *
Prof. Jub. de Antrop. e Sociologia da F. C. U. P.
Bolsheiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

O Jogo da Bola em Quintã

Freguesia do Concelho de Vila Real — Trás-os-Montes

Nas aldeias de entre Marão e Albão, na década de trinta, altura da minha meninice, o *jogo da bola* constituía o polo de atracção dos homens, tanto casados como solteiros. Era sobretudo pelas tardes domingueiras que se jogava em tom solene, com os melhores desportistas da aldeia e até os mais afamados das povoações circunvizinhas. Também se jogava pelas horas de sesta, mesmo em dias de estio; e ainda em quaisquer momentos de vagar, quando a azáfama das lides do campo abria clareira ao descanso.

Outros desportos havia, todos eles com o normal interesse, mas o *jogo da bola* era, nessa altura, o desporto-rei.